

DIETRICH

BONHOEFFER

DISCIPULADO

MC

DIETRICH BONHOEFFER

DISCIPULADO

Traduzido por MURILO JARDELINO
e CLÉLIA BARQUETA



mundocristão
São Paulo

Sumário

<i>Prefácio</i>	7
<i>Introdução</i>	11
PARTE I — A GRAÇA E O DISCIPULADO	
1. A graça preciosa	19
2. O chamado ao discipulado	32
3. A obediência simples	54
4. O discipulado e a cruz	61
5. O discipulado e o indivíduo	69
6. O “extraordinário” da vida cristã	77
7. Sobre a invisibilidade da vida cristã	120
8. A separação da comunidade dos discípulos	144
9. Os mensageiros	159
PARTE II — A IGREJA DE JESUS CRISTO E O DISCIPULADO	
10. Questões preliminares	179
11. O batismo	183
12. O corpo de Cristo	190
13. A Igreja visível	201
14. Os santos	223
15. A imagem de Cristo	248

Prefácio

Quem foi Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), e qual a razão de publicar, hoje, uma nova tradução de uma obra da primeira metade do século 20? As respostas a essas duas perguntas estão intimamente relacionadas por um fator determinante: Bonhoeffer foi um cristão de quem é impossível separar trajetória pessoal dos frutos de seu trabalho. Tal inseparabilidade deve estar clara desde o início de nossa leitura, para a compreensão adequada dos notáveis fatos de sua vida e da riqueza de suas reflexões sobre o discipulado de Jesus.

Uma combinação muito específica de fatores familiares e históricos contribuiu para a configuração das ênfases de seu trabalho. A começar por seu nascimento na casa do bem-sucedido psiquiatra Karl Bonhoeffer, de quem herdou a precisão científica, e da piedosa Paula von Hase, que, mesmo descrente da igreja institucional da época, criou os oito filhos num ambiente de obediência aos preceitos da fé. Nesse cenário, a opção de Bonhoeffer pelo ministério pastoral foi recebida com surpresa pela família, mas igualmente encorajada na direção da melhor formação teológica disponível em seu tempo. O jovem Dietrich graduou-se na Universidade de Tübingen e doutorou-se na Universidade de Berlim, com a tese *Sanctorum Communio* (1927). Na época, essas duas instituições eram palco de importantes desdobramentos da teologia liberal clássica alemã.

Bonhoeffer, no entanto, não era meramente influenciável. Se, por um lado, sua formação teológica foi marcada pela crítica bíblica historicista de Adolf von Harnack (1852-1930), o mais famoso de seus professores em Berlim, por outro, foi na voz

dissonante de Karl Barth (1886-1968) que encontrou as ênfases teológicas que o acompanhariam por toda a vida: a centralidade da revelação de Deus em Jesus Cristo e a questão sobre sua presença no mundo — que ele procurou resolver na Igreja.

É nesse segundo aspecto que encontramos uma das principais contribuições de Bonhoeffer à cristandade moderna. Enquanto seus antecessores — e também muitos de seus sucessores — discutiam apenas o tema da “revelação”, Bonhoeffer se ocupou da Igreja e da comunhão cristã. Isso porque, na visão dele, as questões existenciais são questões eclesiológicas. O ser humano só pode “ser em Adão” ou “ser em Cristo”, isto é, “ser” uma pessoa significa “estar” em uma comunidade — e a única comunhão que oferece realização plena da pessoalidade é aquela “em Cristo”. Em síntese, é na vida em comunhão da Igreja que o mundo encontra a verdadeira humanidade, e também a revelação da divindade em Cristo.

Nesse quadro de referências e acontecimentos, é necessário lembrar que a década de 1930 testemunhou um dos mais terríveis episódios da política ocidental: o Terceiro Reich Alemão (1933-1945). Ainda que o governo nazista não tenha mostrado desde o início suas intenções reais, Bonhoeffer teve consciência do que poderia se transformar um governo que assumia para si prerrogativas que cabem somente a Cristo. Foi nesse período que ele escreveu a obra que o leitor tem em mãos. Junto ao livro *Vida em Comunhão* (1939), o clássico *Discipulado* (1937) marca a maturidade de sua reflexão, na qual a vida cristã é apresentada como a vida no discipulado de Jesus.

Podemos sustentar, sem dúvida, que essa hipótese não era um conhecimento separado da existência em que foi adquirido. As reflexões contidas em *Discipulado* são fruto de duas atividades que marcaram a vida de Bonhoeffer: o pastorado na Igreja Confessante, criada em 1934 a partir da rejeição à subordinação teológica da Igreja alemã à ideologia nazista, e a supervisão de jovens pastores no seminário clandestino em Finkenwalde. Nessa época, ficou evidente a necessidade de criticar o que Bonhoeffer chamou de “graça barata”, que, “em vez de justificar o pecador, justifica o pecado”. Ou

seja, a postura que a Igreja assume ao inverter todo o esforço dos reformadores sintetizado na doutrina da justificação pela fé mediante o sacrifício na cruz de Cristo. Justamente por isso, “a graça barata é a inimiga mortal de nossa Igreja”. Foi contra esse tipo de graça que os esforços de Bonhoeffer se direcionaram, reiterando enfaticamente a verdadeira vida em comunidade, na qual o discipulado é visto como o compromisso radical de obediência a Cristo — mesmo que isso implique a morte, não apenas do velho ser humano, mas do próprio discípulo.

Graças ao trabalho de biógrafos, sabemos que Bonhoeffer, junto a seu irmão Klaus e seus cunhados Rüdiger Schleicher e Hans von Dohnanyi, contribuiu diretamente numa conspiração contra o próprio Hitler — o que lhe renderia o encarceramento na prisão militar de Tegel, no norte de Berlim, em abril de 1943. Acusado de desmoralização das Forças Armadas, permaneceu dezoito meses preso, seguindo então para o campo de extermínio de Flossenbürg, ao sudeste da Alemanha. Ali, foi julgado por um tribunal fictício, condenado sem chance de defesa e enforcado na manhã do dia 9 de abril de 1945.

Olhando retrospectivamente, os meses que permaneceu na prisão foram os mais frutíferos para seu trabalho intelectual. Escreveu centenas de cartas a familiares e amigos, dezenas de alocuções, sermões e anotações sobre temas diversos, além do esboço geral da obra *Ética* (1949). No entanto, sustentando a tese com que começamos, é possível dizer que os meses na prisão foram fundamentais para consolidar sua formação. Ele mesmo concluiu, em 11 de abril de 1944: “Tenho a impressão de que a minha vida — por mais estranho que isso pareça — transcorreu de maneira totalmente coerente e sem rupturas, ao menos no tocante à maneira exterior de como a conduzi. Foi um enriquecimento ininterrupto da minha experiência, pelo qual realmente só posso ser grato. Se meu estado atual fosse a conclusão da minha vida, então isso teria um sentido que eu acreditaria entender”.*

* *Resistência e submissão: Cartas e anotações escritas na prisão*, 2ª ed. São Leopoldo,

Essa postura de integridade ao longo de toda a vida e, principalmente, diante da morte é, acima de qualquer texto que tenha escrito, o maior legado de Bonhoeffer à Igreja de Cristo. Não que os textos não tenham importância; eles adquirem maior valor em virtude daquele que os escreveu. A coerência existencial é a corrente elétrica que liga e ilumina cada período de sua vida, uma vida totalmente vivida “em Cristo”. O mesmo Cristo que, ao morrer e ressuscitar, assumiu o lugar de Senhor do mundo, reconciliando-o com Deus e mostrando que não existe um centímetro da realidade que esteja fora de sua soberania. Tais convicções que alicerçaram a vida de Bonhoeffer fornecem unidade à realidade e à relação entre os discípulos na Igreja. Sem tais pressupostos, a Igreja corre sempre o perigo de assumir qualquer forma, sem nunca conseguir ser o ambiente criado pela obediência que possibilita a vida pela fé.

Por tudo isso, a leitura de *Discipulado* torna-se tarefa imprescindível para todo aquele que se propõe a mesma pergunta que orientava Bonhoeffer: “O que é o cristianismo, ou ainda, quem é de fato Cristo para nós hoje?”.

Boa leitura.

PEDRO LUCAS DULCI

Doutorando em Filosofia (UFG), estudante de Teologia
(Seminário Presbiteriano Brasil Central), membro do Movimento
Mosaico e da Igreja Presbiteriana do Brasil

Introdução

Em tempos de reavivamento da Igreja, obtém-se claramente um enriquecimento nas Escrituras Sagradas. Por detrás dos apelos cotidianos e das palavras de ordem, necessários no debate eclesiástico, surge uma busca mais decidida a respeito do único a quem realmente importa encontrar, a saber, o próprio Jesus. O que Jesus quis nos dizer? O que espera de nós hoje? Como ele nos ajuda a sermos cristãos fiéis em nosso tempo? Para nós, é menos importante o que requer este ou aquele indivíduo da Igreja, mas sim o que deseja Jesus, é isso o que queremos saber. Quando vamos ao culto e ouvimos a pregação, é a palavra de Jesus que queremos ouvir — e não apenas por nosso próprio interesse, mas por causa dos muitos para os quais a Igreja e sua mensagem se tornaram estranhas. Também somos da opinião de que, se o próprio Jesus, e somente ele com sua palavra, estivesse entre nós no momento da pregação, seriam outras pessoas as que ouviriam a palavra, e outras ainda que, por sua vez, a evitariam. Não é que a pregação de nossa Igreja não seja mais a Palavra de Deus, mas que som estranho é esse! Quantas leis humanas e duras, quantas falsas esperanças e consolos enganosos continuam a turvar a mensagem cristalina de Jesus, dificultando assim a verdadeira decisão! Não se pode simplesmente culpar aqueles que consideram nossa pregação, que certamente deseja ser apenas a pregação de Cristo, dura e difícil de compreender, sobrecarregada de formas e conceitos que lhes são estranhos. Contudo, não é verdade que toda palavra que hoje se levanta contra nossa pregação seja já uma negação de Cristo, isto é, anticristianismo. Será que, de fato, queremos negar a

comunhão àqueles que atualmente vêm em grande número à nossa pregação, que desejam ouvi-la e muitas vezes têm de reconhecer, tristes, que nós lhes dificultamos o acesso a Jesus? Eles não acham que seja da palavra do próprio Jesus que desejem se esquivar, mas que entre eles e Jesus existem demasiadas interferências humanas, institucionais e doutrinárias. Quem de nós já não teria de imediato à mão todas as respostas a serem dadas nesse contexto, com as quais se eximiria facilmente da responsabilidade por todas aquelas pessoas? Não seria também uma resposta, se nos perguntássemos se não somos nós mesmos que dificultamos o caminho a Jesus apegando-nos excessivamente a determinadas formulações ligadas a certo tipo de sermão próprio apenas para sua época, seu lugar e sua estrutura social, pregando de forma demasiado dogmática e pouco orientada à vida, proclamando alegre e repetidamente certos pensamentos das Escrituras e, com isso, propagando nossas próprias opiniões e convicções e pouco de Jesus Cristo? Não haveria nada mais profundamente contrário à nossa intenção e, ao mesmo tempo, mais prejudicial à nossa mensagem que sobrecarregar com leis pesadas os cansados e oprimidos que Jesus chama a ele, afastando-os dele mais uma vez. Como o amor de Jesus Cristo seria, dessa forma, achincalhado por cristãos e pagãos! Uma vez que, nesse caso, de nada ajudam questionamentos generalizados ou autoacusações, voltemos para as Escrituras, para a Palavra e para o chamado do próprio Jesus Cristo. Neles buscamos, a partir da pobreza e da insignificância de nossas convicções e questionamentos, a riqueza e o esplendor que nos são dados em Jesus.

Queremos falar do chamado para ser discípulo de Jesus. Será que assim não sobrecarregamos o ser humano com um jugo novo e ainda mais pesado? Acaso acrescentaremos a todas essas leis, sob as quais já sofrem a alma e o corpo, outras ainda mais duras e implacáveis? Desferiremos, partindo da lembrança do discipulado de Jesus, um golpe ainda mais agudo na consciência ferida e inquieta? Não estaríamos instituindo exigências estranhas, dolorosas e impossíveis como as

já tantas vezes aplicadas na história da Igreja, cuja obediência provavelmente seria um luxo piedoso para poucos, mas que seria rejeitada como impiedosa tentação divina por aqueles que têm de cuidar da família, que trabalham por seu pão exercendo sua profissão? Deve a Igreja colocar um jugo de tirania espiritual sobre o ser humano, com o qual impõe e ordena autoritariamente em que ele deve crer e o que deve fazer a fim de ser salvo, e isso tudo sob a ameaça de punição terrena e eterna? Trará a mensagem da Igreja nova tirania e violência às almas? Pode até ser que algumas pessoas anseiem por tal servidão. Mas deveria a Igreja algum dia atender a essa exigência?

Quando as Escrituras Sagradas tratam do discipulado de Jesus, proclamam a libertação do ser humano de todos os preceitos humanos, de tudo que o oprime, de tudo que o sobrecarrega, de tudo que lhe suscita preocupação e dor na consciência. No discipulado, o ser humano deixa o duro jugo de suas próprias leis e vai para o jugo suave de Jesus Cristo. Não está se questionando, com isso, a seriedade do mandamento de Jesus? De maneira nenhuma. É somente na permanência total no mandamento de Jesus, no chamado ao discipulado incondicional, que se torna possível a plena libertação para a comunhão com Jesus. Quem segue integralmente o mandamento de Jesus, quem se permite sem relutância o jugo de Jesus, para esse o fardo a carregar torna-se leve e recebe, na suave pressão desse jugo, a força para percorrer o caminho certo com tranquilidade. O mandamento de Jesus é duro, implacavelmente duro para quem se opõe a ele. Porém, o mandamento de Jesus é suave e leve para aquele que se lhe submete de bom grado. “Os seus mandamentos não são penosos” (1Jo 5.3) O mandamento de Jesus não consiste em um tipo de tratamento de choque emocional. Jesus nada nos exige sem nos dar a força para fazê-lo. Seu mandamento não visa jamais destruir a vida, mas conservá-la, fortalecê-la e curá-la.

Continuamos, todavia, a nos preocupar com a questão: o que poderia significar o chamado ao discipulado de Jesus para o trabalhador, para o comerciante, para o agricultor, para

o soldado? Não se trata, afinal, de uma distância insuperável entre a existência do indivíduo como trabalhador, inserido no mundo, e sua existência como cristão? O cristianismo do discipulado de Jesus não seria algo para um número demasiado restrito de pessoas? Não significaria um afastamento da grande massa, o desprezo aos fracos e pobres? Com isso não estaria sendo negada justamente a grande misericórdia de Jesus Cristo, que veio para os pecadores e publicanos, para os pobres e fracos, para os loucos e desesperados? O que diremos quanto a isso? São poucos ou muitos os que pertencem a Jesus? Ele morreu na cruz, sozinho, abandonado por seus discípulos. Junto dele não estavam dois de seus fiéis seguidores, mas dois assassinos. Sob a cruz, porém, estavam todos, inimigos e cren-tes, céticos e devotos, zombadores e convictos, e todos eles, com seus pecados, naquele momento foram abarcados pela oração de Jesus por perdão. O amor misericordioso de Deus vive entre seus inimigos. É o mesmo Jesus Cristo que, por sua graça, nos chama para sermos seus discípulos e cuja graça salva o ladrão na cruz em seu último momento.

Para onde será levado aquele que aceitar o chamado para ser discípulo? Que decisões e separações o chamado trará consigo? Temos de levar essa pergunta àquele somente que sabe a resposta. Só Jesus Cristo, que nos ordena que o sigamos, sabe para onde leva o caminho. Nós, porém, sabemos que esse será, com certeza, um caminho de misericórdia sem limites. Discipulado é alegria.

Hoje, parece tão difícil trilhar o caminho estreito da decisão eclesiástica com segurança e, ainda assim, permanecer em toda a amplitude do amor de Cristo para com todos os seres humanos, na paciência, misericórdia e “filantropia” de Deus (Tt 3.4) para com os fracos e os ímpios. E, no entanto, de algum modo ambos devem ficar lado a lado, do contrário segue-se o caminho humano. Que Deus nos dê a alegria, em toda a seriedade do discipulado, em todo o “não” ao pecado, em todo o “sim” ao pecador, em toda a resistência ao inimigo, na palavra triunfante e vencedora do evangelho.

Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim; porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.

Mateus 11.28-30